

Memória, colonialismo e propaganda política no Salazarismo: as comemorações do Duplo Centenário de 1940

Carlos André Silva de Moura^I
Edmilson Antonio da Silva Junior^{II}
José Pedro Lopes Neto^{III}

Resumo: O Estado Novo português foi fundado em 1933 com apoio considerável dos lusitanos. Em vigor durante 41 anos, o regime se confundiu com António de Oliveira Salazar (1889-1970), intelectual católico, nacionalista, antiliberal e anticomunista, que estruturou um governo corporativista com um estreito apoio da Igreja Católica. Em 1940, o governo organizou um grande evento para celebrar o que, supostamente, seriam as datas de Fundação (1140) e Restauração (1640) de Portugal. A partir das contribuições da História Cultural, com análise de jornais, documentos do governo e discursos, compreendemos como o evento esteve longe de ser apenas uma exposição sobre a História lusitana, com o objetivo de promover uma propaganda política a partir da memória colonialista portuguesa. A organização das comemorações e o aparato discursivo que acompanhava o acontecimento traziam consigo o objetivo de estabelecer uma conexão entre um passado, classificado como “glorioso”, e o presente autoritário.

Palavras-chave: Salazarismo; Igreja Católica; Duplo centenário.

Memory, Colonialism and Political Propaganda under Salazarism: the commemorations of the 1940 Double Centenary

Abstract: The Portuguese Estado Novo was established in 1933 with considerable support from the Portuguese population. In force for 41 years, the regime became closely associated with António de Oliveira Salazar (1889–1970), a Catholic intellectual, nationalist, anti-liberal, and anti-communist, who structured a corporatist government with strong support from the Catholic Church. In 1940, the government organized a major event to celebrate what were purported to be the dates of the Foundation (1140) and the Restoration (1640) of Portugal. Drawing on contributions from Cultural History and based on the analysis of newspapers, government documents, and official speeches, this study demonstrates that the event was far from being merely an exhibition of Portuguese history. Rather, it functioned as a political propaganda initiative grounded in Portuguese colonialist memory. The organization of the commemorations and the accompanying discursive apparatus sought to establish a connection between a past portrayed as “glorious” and the authoritarian present.

Keywords: Salazarism; Catholic Church; Double Centenary.

O Estado Novo português (1933-1974), chefiado por Oliveira Salazar, foi uma ditadura corporativista no contexto da ascensão dos fascismos europeus. Diferente de outros regimes de cunho autoritário, perdurou por mais de quatro décadas e se utilizou tanto dos poderes

MEMÓRIA, COLONIALISMO E PROPAGANDA POLÍTICA NO SALAZARISMO:
AS COMEMORAÇÕES DO DUPLO CENTENÁRIO DE 1940

MOURA, C. A. S.
JUNIOR, E. A. S.
NETO, J. P. L.

repressivos do Estado, das forças policiais, quanto de outros mecanismos de dominação. Este artigo se dedica a analisar o segundo grupo de estratégias que, de acordo com Pierre Bourdieu, são exercidas pelo Estado a fim de atingir o mais íntimo de nossos pensamentos e cultivar uma postura sociopolítica condizente com as práticas e representações exigidas pelo regime^{IV}.

Os conceitos de prática e representações, debatidos por Roger Chartier, permitem-nos entender que existem diferentes formas de compreender o mundo que estão em constantes disputas na sociedade^V. Na batalha discursiva que travam, incessantemente, os intelectuais dedicados a fazer sobressair as suas narrativas utilizam diversas práticas e atuam em diferentes campos: na política institucional, na esfera religiosa, nas universidades, entre outros. Embora escolham espaços e métodos mais confortáveis à sua atuação, esses indivíduos utilizam o discurso como instrumento de convencimento do outro, como forma de tirá-lo da inércia. O discurso, portanto, age como uma força que, em ação, pode não apenas mover um indivíduo, mas o conjunto da sociedade.

O Estado Novo português, fruto de turbulentos anos de republicanismo liberal, teve sua origem a partir do golpe de maio de 1926, orquestrado pelas Forças Armadas, que instaurou uma ditadura militar. A Primeira República Portuguesa foi implantada em outubro de 1910 com ampla adesão popular e a intenção de instituir valores próprios do liberalismo do século XIX. Dentre o conjunto de crenças cultivado pelos indivíduos que depuseram a Monarquia Constitucional estava o anticlericalismo, com críticas relacionadas à postura política, à condução econômica e aos problemas sociais não resolvidos. No entanto, o suposto fato de que o maior problema do regime era a íntima ligação com a Igreja Católica foi o denominador comum entre os diversos grupos que pensavam projetos políticos distintos para Portugal^{VI}.

Arraigado em um pensamento laicista,^{VII} a Primeira República, através da Lei de Separação Entre o Estado e a Igreja, publicada em abril de 1911, iniciou um projeto de perseguição ao clero e às instituições eclesiásticas. Com o objetivo de acabar com o culto católico em algumas poucas décadas, Afonso Costa, então Ministro da Justiça e principal autor da legislação, regulou os lugares e horários do culto, bem como as ocasiões em que as igrejas poderiam badalar os sinos. Além disso, restringiu o acesso de crianças às escolas dominicais, a contratação de professores para os seminários, desapropriou prédios da Igreja Católica e impediu que, diante do púlpito, os religiosos fizessem qualquer menção à política^{VIII}.

Contrários a esse projeto, intelectuais católicos,^{IX} ligados ou não à hierarquia eclesiástica, iniciaram um processo de reconquista de espaço na sociedade lusitana. Atuantes desde a implantação da República, seus planos de contraposição ao laicismo passaram a dar frutos relevantes a partir de 1917, quando ocorreram as supostas aparições de Nossa Senhora do Rosário na região de Fátima. Aproveitando-se das proporções do culto mariano, os intelectuais católicos conseguiram entrelaçar os significados atribuídos aos eventos com o contexto político português, construindo uma narrativa salvífica em torno dos anseios de seus setores políticos. Junto aos problemas políticos e socioeconômicos não solucionados na Primeira República, a direita lusitana e parte dos militares se sublevaram contra o Estado, instaurando uma ditadura que desembocou na ascensão de Oliveira Salazar ao poder.

Estabelecido em 1926, o regime militar, além de passar por diversas disputas internas, também lidava com pressões para solucionar os problemas financeiros. Após um amplo engajamento dos setores católicos na imprensa, com o objetivo de promover a imagem de Salazar como competente para gerir as contas públicas, o político foi convidado a ocupar o cargo de Ministro das Finanças. Após a sua posse, anunciou uma série de medidas de arrocho fiscal e a redução de gastos públicos.

MEMÓRIA, COLONIALISMO E PROPAGANDA POLÍTICA NO SALAZARISMO:
AS COMEMORAÇÕES DO DUPLO CENTENÁRIO DE 1940

MOURA, C. A. S.
JUNIOR, E. A. S.
NETO, J. P. L.

Após um ano de gestão, Oliveira Salazar alcançou superávit econômico e a sua imagem passou a ser trabalhada como “o salvador dos portugueses”. A partir do relativo sucesso da gestão das contas públicas,^X o Ministro passou a planejar a continuidade do que denominavam de “Revolução Nacional”. Em contraposição à Primeira República, ao menos no âmbito do discurso, o recém-instalado regime se baseava em uma “política nacional” fundamentada na “verdade” e no “sacrifício”^{XI}. Salazar e seus correligionários estavam centrados na ideia de “unidade nacional” e se baseavam no fortalecimento do Poder Executivo, na consolidação de um Estado forte e no desenvolvimento econômico. Em suas concepções, Portugal deveria cultivar o que concedia os fundamentos salutares da identidade portuguesa, dentre eles o caráter cristão (católico) que seria intrínseco ao povo luso^{XII}.

Antes mesmo da fundação do Estado Novo, em 11 de abril de 1933, o discurso em referência a uma suposta “finalidade histórica” já era veiculado. Com aprovação, em plebiscito, da Constituição Portuguesa, que chancelaria o regime salazarista, tais enunciações passaram a ser ainda mais exploradas. Como a Primeira República havia tentado gerir as colônias portuguesas sob a mesma perspectiva laicista que conduzia a metrópole, o governo da “Revolução Nacional” objetivava não apenas afirmar suas ideias quanto às posses coloniais, mas também ressaltar as virtudes de equacionar a gestão das colônias em colaboração com a Igreja Católica e, com fins propagandísticos, contrapor os sucessos daquele momento com os supostos fracassos da condução republicano-liberal.

O pensamento colonial exposto pelo salazarismo foi erigido com o auxílio do catolicismo e do nacionalismo, que eram fomentados através da propagação discursiva no âmbito público e na educação escolar primária. A História foi um componente curricular basilar para a veiculação do pensamento salazarista: através dela se buscava ressaltar o território nacional, a língua, a religião e uma pretensa “missão histórica” de “civilizar”. De acordo com os discursos estadonovistas, esse propósito teria sido atribuído aos portugueses através da Providência Divina e, sendo assim, o dito dever também pressupunha catequizar^{XIII}. De acordo com Duncan Simpson, o período entre 1933 e 1945 é considerado o momento de consolidação e legitimação do Estado Novo^{XIV}. Nesse espaço de tempo, enquanto Presidente do Conselho de Ministros, além de solucionar momentaneamente as divergências internas do governo, Salazar tentou extinguir a oposição de esquerda, colocar o operariado sob o corporativismo do regime e unir os diferentes grupos da direita portuguesa^{XV}.

Para tanto, além das negociações políticas, o governo investiu amplamente no Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), órgão responsável pela disseminação do ideário de nação cultivado pelos ideólogos do Estado Novo, bem como pelas censuras a produções culturais e politicamente contrárias ao regime. Visando exaltar o salazarismo através da evocação de um passado histórico, o órgão foi um dos principais organizadores das comemorações em torno do Duplo Centenário de Portugal em 1940.

Embora os agentes do salazarismo tenham promovido uma narrativa que concedesse sentido às festividades naquele ano, destaca-se que o evento pode ser considerado uma invenção do regime, uma coincidência histórica documentalmente fundada^{XVI}. Para provocar um sentimento de proeminência em processo de consolidação, buscou-se narrativas que ligassem o presente ao passado e divulgassem os feitos “faraônicos”, tanto em termos materiais quanto imateriais, por parte do Estado Novo. Nessa perspectiva, além da construção de grandes prédios públicos que receberam exposições, esculturas e organização de espaços museais, buscou-se aprovar a Concordata e o Acordo Missionário entre Portugal e a Santa Sé^{XVII}.

MEMÓRIA, COLONIALISMO E PROPAGANDA POLÍTICA NO SALAZARISMO:
AS COMEMORAÇÕES DO DUPLO CENTENÁRIO DE 1940

MOURA, C. A. S.
JUNIOR, E. A. S.
NETO, J. P. L.

Negociada em conjunto, a concordata possuiu um significado ímpar para a comunidade católica lusitana. O documento marcou o ápice das relações entre o salazarismo e o catolicismo, foi bem explorado pela propaganda do regime e manteve a base religiosa do Estado Novo ao longo da década de 1940. Por sua vez, o Acordo Missionário serviu para a produção do Estatuto Missionário (1941), legislação que reformou as bases da colonização portuguesa e instituiu uma íntima relação com a Igreja Católica no além-mar, aproveitando-se de sua capilaridade nas regiões ocupadas pelo Império português^{XVIII}. Ambos os documentos foram percebidos como vitórias para o Estado Novo e para Oliveira Salazar, uma vez que colaborou com os serviços de censura na produção das narrativas do Duplo Centenário, na divulgação do “sucesso” do regime no âmbito político e econômico, a neutralidade de Portugal na Segunda Guerra Mundial, o retorno das relações diplomáticas entre Portugal e a Igreja, com maior atenção aos territórios colonizados, condição que colocava Portugal entre os “proeminentes” impérios europeus^{XIX}.

Memória e propaganda Salazarista durante o Duplo Centenário de 1940

Para afirmar as representações de seu prisma ideológico, além de reformulações no ensino escolar, o salazarismo construiu monumentos e, com o objetivo de interpretar o passado em sua ótica, definiu dias de celebrações no calendário oficial para cultivar civicamente os eventos e personagens que eram considerados memoráveis pelos promotores do nacionalismo. A exemplo dos dias destinados aos aniversários de implantação da Ditadura Militar, em 28 de maio, diversos festejos ocorreram ao longo do Estado Novo. No entanto, devido à conjuntura provocada pela Segunda Guerra Mundial e ao próprio investimento em estrutura e propaganda, o ano de 1940 se destaca dos demais. As comemorações em torno das datas de Fundação (1140) e Restauração de Portugal (1640) foram anunciadas ainda em 1938, através de uma nota publicada em 27 de março nos principais jornais do país. De acordo com o Presidente do Conselho, o governo lusitano entendeu que seria bom celebrar as datas por ser um momento de “dar ao povo português um tônico de alegria e confiança em si próprio, através da evocação de oito séculos de sua História – que foram simultaneamente oito séculos da História do mundo [...]”^{XX}.

O primeiro evento a ser rememorado buscava afirmar Portugal como o reino de seu primeiro soberano, D. Afonso Henriques (1109-1185). O segundo, por sua vez, referia-se à restituição do reinado português que havia sido desvinculado de sua linhagem sucessória e atrelada à castelhana. Entre 1580 e 1640, Portugal foi governado por uma monarquia dualista, que envolvia os reinos de Castela e Aragão que, posteriormente, deram origem à Espanha. A “Restauração” se referia à recondução da família portuguesa na sucessão do reinado a partir da aclamação de D. João IV (1604-1656), que ocorreu em 1 de dezembro de 1640^{XXI}.

Nesse sentido, as comemorações não possuíam a finalidade de divertir ou intensificar a realização de festas em determinada época do ano. Tinha-se o objetivo de disseminar a influência do regime sobre a população portuguesa, ligar o “passado majestoso” com o governo de Oliveira Salazar, com ênfase na superação das crises políticas e financeiras vivenciadas pelo país no início do século XX^{XXII}. Segundo Oliveira Salazar, a realização de eventos em torno daquelas datas seria uma oportunidade do seu regime mostrar “entusiasmo criador”, “capacidade realizadora” e os seus “serviços à civilização”, mesmo com as “dificuldades” impostas por supostos “recursos diminutos”. Para o Estado Novo, seria a oportunidade de demonstrar ao mundo o posto de “Nação Civilizadora” que Portugal teria exercido ao longo

MEMÓRIA, COLONIALISMO E PROPAGANDA POLÍTICA NO SALAZARISMO:
AS COMEMORAÇÕES DO DUPLO CENTENÁRIO DE 1940

MOURA, C. A. S.
JUNIOR, E. A. S.
NETO, J. P. L.

dos séculos e, devido à continuidade do império colonial, ainda exercia tal função ao cumprir o que denominavam como a “alta missão” dos lusitanos no mundo^{XXIII}.

Apesar de afirmar que o objetivo não era usar as celebrações com fins turísticos, o salazarismo contava com os olhares internacionais e com visitas diplomáticas de políticos e intelectuais oriundos de nações estratégicas na construção da narrativa histórica que o regime elaborava. O Brasil, devido ao histórico colonial, foi convidado a participar dos festejos e, segundo Oliveira Salazar, a presença não deveria se configurar de maneira figurativa ou como “hóspedes de honra”, mas como membros da “família” portuguesa. Para aquela ocasião, o Presidente do Conselho de Ministros solicitou que a República Brasileira enviasse em “romagem patriótica e cívica”, no maior número, os seus mais notórios expoentes^{XXIV}.

No dia 4 de junho de 1940, do Castelo de Guimarães, Oliveira Salazar anunciou o início das comemorações do duplo centenário, afirmando que aquele momento era de comunhão, devoção e exaltação. Para o ditador, a evolução de Portugal e sua participação na história do mundo passavam por uma capacidade de superação dos lusitanos em relação a uma população pequena, um território reduzido e limitado em recursos materiais. Segundo o político, mesmo com essas adversidades incomuns em outros países da Europa, Portugal gerou os seus próprios princípios norteadores e desenvolveu sua “capacidade civilizadora” ao “descobrir” e colonizar. Essas “virtudes” exercitadas pelos portugueses ao longo dos séculos era, “ao mesmo tempo acto de devoção patriótica, acto de exaltação, acto de fé”^{XXV}.

Nesse sentido, enquanto tanques de guerra, aviões de combate e tropas militares se locomoviam no centro da Europa, naquele momento, a atuação das forças armadas lusitanas nos centros urbanos portugueses era de policiamento e, no centro dos cortejos, desfilar com suas bandas marciais. Nas páginas dos jornais, as informações sobre os conflitos bélicos não foram censuradas; pelo contrário, a edição de 15 de outubro de 1940 do Mundo gráfico trouxe colunas com relatos de como “os reflexos da guerra” contrastavam outros assuntos sobre “Lisboa, a capital da moda”, “o espírito cristão paira sobre o mundo!” e “Portugal Trabalha consciente do seu destino!”, com representações de um país em progresso em meio à destruição que estava ocorrendo nas regiões vizinhas^{XXVI}.

Para o fortalecimento do discurso do Estado Novo em relação aos eventos, parte da sociedade portuguesa se entendia enquanto “nação”, desde a data da sua “fundação”, em 1140, com a utilização da narrativa para promover um sentimento de comunhão entre os cidadãos. A tentativa de estímulo da nacionalidade estaria arraigada na construção de um orgulho do “ser português” e o cultivo dessa emoção, intimamente relacionado à edificação de um saudosismo em relação ao passado. A memória ufanista em relação à interpretação de eventos considerados importantes para Portugal formava um elo entre a compreensão do presente e as representações da história veiculadas pelo regime^{XXVII}. As exposições organizadas pelo Estado Novo foram constituídas enquanto ritos de comemoração: diferente de simples recordações estáticas, foram ressuscitações de acontecimentos com o objetivo de vivificar o passado quando realizadas. Nessa perspectiva, a comemoração buscava introduzir uma interpretação do acontecimento em determinado presente e em seus anseios sobre o futuro^{XXVIII}.

A versão da história que o Estado Novo buscava disseminar estava intimamente atrelada à Igreja Católica e aos seus representantes. Comprometidos com a narrativa, em 13 de junho de 1940 a Cúria romana publicou a Carta Encíclica Saeculo Exeunte Octavo, escrita pelo Papa Pio XII e dirigida ao Patriarca de Lisboa, aos arcebispos e bispos de Portugal, com felicitações ao país por ocasião do duplo centenário e reafirmando a narrativa promovida pelo governo.

MEMÓRIA, COLONIALISMO E PROPAGANDA POLÍTICA NO SALAZARISMO:
AS COMEMORAÇÕES DO DUPLO CENTENÁRIO DE 1940

MOURA, C. A. S.
JUNIOR, E. A. S.
NETO, J. P. L.

De acordo com o Papa, a fé católica teria sido a “linha vital” que alimentou a nação desde suas origens até o momento de sua “glória de nação civil e nação missionária, expandido a fé e o império”^{XXIX}. Para a Santa Sé, as expedições no ultramar, organizadas pela coroa, tinham as missões religiosas como principal alicerce para a propagação da fé como objetivo central^{XXX}. Nesse sentido, a Cúria romana buscou ressaltar o “vigoroso espírito missionário português” e associá-lo ao que considerava como um “período de renascimento espiritual” do povo graças ao salazarismo e a realizações como a assinatura da Concordata e o Acordo Missionário^{XXXI}.

Exaltando a história das missões católicas portuguesas enviadas a outros continentes, junto com as expedições da coroa, a Santa Sé endossava os tratados estabelecidos com o Estado Novo e o auxílio que o regime havia estabelecido para contribuir com as instituições eclesásticas nos territórios colonizados. Segundo o Papa Pio XII, era fundamental a formação de um clero autóctone para uma melhor disseminação do catolicismo entre os colonizados^{XXXII}. A expansão da fé católica era percebida pelos lusitanos como sinônimo de progresso nas regiões colonizadas: afinal, enquanto uma prática e representação de mundo, o catolicismo funcionava como um catalisador de reprodução de costumes europeus.

A associação entre a identidade lusitana, o catolicismo e um suposto “dom” pela disseminação do cristianismo através das missões se consolidou, a partir da formação do pensamento nacionalista na Europa, um sentimento de que o “colonialismo” era, em si, uma “questão nacional”. Essa ótica pode ser percebida através do discurso do então Presidente da República, General Óscar Carmona (1869-1951), durante a inauguração oficial das comemorações de 1940. Segundo o Chefe de Estado, os portugueses possuíam uma vocação para realizar as missões e o projeto “civilizador” através da colonização. Para o político, essa característica era basilar na história e, portanto, na formação da identidade lusitana^{XXXIII}.

Neste sentido, o “português” seria essencialmente explorador, dedicado ao trabalho e comprometido com um “humanismo” no exercício de “levar o progresso” para as regiões fora da Europa. Portugal era representado como o responsável pelo desenvolvimento do que Óscar Carmona considerava “relevantes e prósperos impérios”, como das sociedades no Oriente, da África e da República brasileira. Em sua narrativa, ele fez questão de destacar as posses que o Império português ultramarino manteve ao longo dos séculos, suas riquezas e a importância geopolítica do país nesse período, destacando, ainda que sem base na realidade, que todas essas realizações foram feitas em benefício dos territórios ocupados e das populações colonizadas, sem desconhecer ou desprezeitar a autonomia política e cultural dessas sociedades^{XXXIV}.

As declarações de Óscar Carmona tinham o objetivo de arregimentar a população lusitana sob a ideia de nacionalismo fomentada pelo salazarismo. O Estado Novo, no intento de materializar em espaços de memória as narrativas explicitadas anteriormente, preocupou-se em erigir espaços de caráter museal a fim de, durante os meses de celebrações do Duplo Centenário, receber públicos diversificados. Iniciadas no dia 4 de junho e encerradas entre o primeiro e o segundo dia de dezembro, os festejos dos diversos “ciclos” da História de Portugal estiveram abertos à exposição^{XXXV}.

Os espaços arquitetônicos construídos para abrigar o acervo que “compunha a identidade portuguesa” foram divididos em quatro partes: período medieval, época das “descobertas”, a fase imperial e a restauração. Cada um desses eixos temáticos tinha pavilhões próprios que funcionavam como um museu das realizações lusitanas. Essas galerias recebiam visitantes de diversas origens e de várias idades com o objetivo de imergi-los no passado, ou em suas representações, através de textos, tapeçarias, espólios de guerra, fotografias,

MEMÓRIA, COLONIALISMO E PROPAGANDA POLÍTICA NO SALAZARISMO:
AS COMEMORAÇÕES DO DUPLO CENTENÁRIO DE 1940

MOURA, C. A. S.
JUNIOR, E. A. S.
NETO, J. P. L.

simulações da arquitetura colonial e outros objetos que remetessem a uma suposta grandiosidade do Império Ultramarino.

Nos documentos que consultamos, são poucos os registros da população portuguesa frequentando os espaços produzidos para as comemorações. A maioria das imagens que encontramos é dos prédios erguidos, dos monumentos ou de grupos compostos pela alta cúpula do Estado em alguma das seções da exposição. Publicados quando ocorriam as festividades, os periódicos oficiais buscavam divulgar a realização dos eventos na capital a fim de atrair os portugueses das diversas regiões. Nesse sentido, parecem ter preocupação em mostrar o que seria encontrado, caso o leitor decidisse ir à exposição, a capturar o momento em que as pessoas frequentavam os espaços internos do evento. Embora não tenhamos encontrado registros da presença de expedições escolares, devido à política educacional do Estado Novo, não é forçoso afirmar que o regime incentivou ou subsidiou a visita das instituições escolares primárias, sobretudo públicas, aos espaços de comemoração dos centenários.

Se não conseguimos evidenciar com registros fotográficos a presença de institutos educacionais, não se pode dizer o mesmo a respeito de excursões interdistritais. De acordo com a edição nº 979 da Ilustração Portuguesa, publicada em 6 de setembro de 1940, cerca de mil pessoas do Distrito de Santarém foram “em patriota excursão” à Exposição do Mundo Português, em Lisboa:

Imagem 1. Patriota excursão à Exposição do Mundo Português^{XXXVI}.



Fonte: Ilustração Portuguesa, n. 979, 6 set, 1940. p. 6.

O grupo com mulheres, crianças e homens estava na entrada da Exposição do Duplo Centenário. No momento da foto, a construção para qual davam as costas era “a porta da Fundação – as primeiras e gloriosas portas de Portugal – na entrada principal [...]”^{XXXVII}. No fundo da imagem, nos monumentos tidos como portas, em alto relevo, os arquitetos da Exposição se preocuparam em destacar guerreiros das cruzadas, considerados importantes no êxito da reconquista de Lisboa comandada por D. Afonso Henriques em 1140.^{XXXVIII} Nesse sentido, quem decidisse visitar as exposições influenciadas pela propaganda do regime, antes de adentrar o espaço, conseguiria visualizar dois elementos fundamentais e basilares para todos

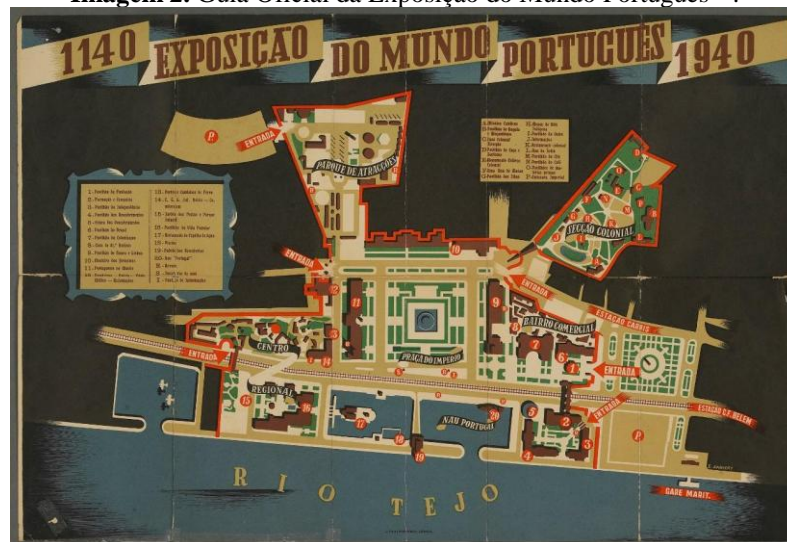
MEMÓRIA, COLONIALISMO E PROPAGANDA POLÍTICA NO SALAZARISMO:
AS COMEMORAÇÕES DO DUPLO CENTENÁRIO DE 1940

MOURA, C. A. S.
JUNIOR, E. A. S.
NETO, J. P. L.

os materiais expostos em todas as três seções do evento: a ideia de nacionalismo português, sua suposta historicidade desde o século XII e o catolicismo.

No circuito das comemorações, diversos outros elementos foram projetados no intuito de expressar a grandiosidade que acreditavam existir na História de Portugal, bem como demonstrar essa íntima relação com a Igreja Católica e com a suposta missão do povo português de levar a fé cristã ao Mundo. O guia da Exposição nos possibilita visualizar melhor as dimensões do espaço planejado para as comemorações. O Estado Novo construiu, entre pavilhões, esculturas e outras instalações, quarenta pontos de visitação. Devido às longas distâncias que deveriam ser percorridas em toda a área destinada para as comemorações, o deslocamento dos visitantes poderia ser realizado através de comboios-miniatura, funicular ou táxis^{XXXIX}.

Imagem 2. Guia Oficial da Exposição do Mundo Português^{XL}.



Fonte: Guia Oficial. Mapa desdobrável de 22 centímetros da Exposição do Mundo Português, sem número. Lisboa, 1940.

Com os roteiros da Exposição é possível perceber que os pontos inicial e final, além de toda a sua estrutura, estavam baseados na construção da identidade portuguesa através de alguns alicerces, dentre os quais se destacava o catolicismo. De acordo com as orientações do Guia Oficial, a visitação se iniciava na Praça Afonso Albuquerque, com a entrada principal da Exposição, soldados ornamentados com vestes culturalmente conhecidas como das Cruzadas, associando a fundação de Portugal com um evento militar e religioso baseado nos preceitos católicos.

Assim como o Estado Novo esteve comprometido com a propagação de uma história oficial da nação portuguesa atrelada à Igreja Católica, o clero lusitano também buscou legitimar as realizações do regime e ligá-lo a uma reivindicação da herança de uma cristandade. O principal líder católico do país, o Cardeal Patriarca de Lisboa, por exemplo, pronunciou-se na Sé de Lisboa no dia 2 de junho, data do início das comemorações do duplo centenário. O Cardeal Manuel Cerejeira reverenciou o passado português, destacando o que ele considerava como o importante papel desbravador dos antepassados, bem como as ações de missão que teriam trabalhado a propagação da Fé. O Patriarca de Lisboa mencionou diretamente os brasileiros e destacou que eles também deveriam se sentir íntimos das datas festejadas naquele

MEMÓRIA, COLONIALISMO E PROPAGANDA POLÍTICA NO SALAZARISMO:
AS COMEMORAÇÕES DO DUPLO CENTENÁRIO DE 1940

MOURA, C. A. S.
JUNIOR, E. A. S.
NETO, J. P. L.

ano, pois faziam parte dos oito séculos da nação e, mesmo sob a “brilhante luz do Cruzeiro do Sul”, o Brasil continuava no mesmo sangue, na mesma crença religiosa e na mesma língua^{XLII}.

Usado como referência para a obra colonial ainda em vigor no século XX, o Brasil possuiu seu próprio pavilhão e teve sua curadoria delegada a brasileiros. De acordo com Rosana Nascimento, a participação do país nas festas compreendeu duas secções: o Pavilhão brasileiro na Exposição do Mundo Português e o Pavilhão do Brasil Independente^{XLIII}. Um dos grandes responsáveis pela organização foi o integralista e antisemita Gustavo Barroso (1888-1959), à época diretor do Museu Histórico Nacional. Com o auxílio de outros intelectuais, nas secções destinadas ao seu país, imprimiu o seu pensamento acerca da história nacional e do saldo positivo que a colonização portuguesa supostamente teria deixado ao Brasil. Empossado por Epitácio Pessoa (1865-1942), então Presidente da República brasileira, Gustavo Barroso era saudosista quanto à memória do Império do Brasil ao ponto de elogiar a revogação do banimento da Família Imperial e se referir a Dom Pedro II como um agente de meio século de bondades^{XLIV}.

Nesse sentido, através de seu Diretor, o Museu Histórico Nacional apresentaria o Brasil nas comemorações de 1940 a partir de um “recuo no tempo”, remontando o período colonial brasileiro, com os seus supostos heróis e outros indivíduos que teriam deixado um legado na história entre Portugal e sua antiga colônia. A exposição foi organizada com a seleção de objetos que remetessem à história da colonização lusitana no território americano. A finalidade da construção de um espaço com diversos objetos tidos como importantes para determinada época – concepção presente em todo o espaço museal organizado pelas festividades de 1940 – era “permitir a criação e encenação dos fatos”^{XLV}.

Organizada por intelectuais brasileiros, o local destinado ao “Brasil Independente” fazia referência aos aspectos históricos que ligavam as duas nações. No entanto, Rosana Nascimento explica que, em reunião com António Ferro (1895-1956),^{XLVI} alguns intelectuais brasileiros expressaram a vontade de representar um Brasil moderno, novo e desenvolvido^{XLVII}. Esse anseio se alinhava com as expectativas dos portugueses devido à necessidade de expor sua ex-colônia como um fruto que gerou boas sementes e, mesmo distante da antiga metrópole no pós-independência, não cortou os laços com sua “nação-mãe” e deve a ela os louros de seu sucesso enquanto país. No Pavilhão do Brasil, havia a Sala do Livro, a Sala de Fomento e Indústria, a Sala da Aeronáutica, a Sala do Rio de Janeiro, a Sala da Etnografia e a Sala de Honra. Na entrada, sobre dois pilares, foram colocados os bustos de Getúlio Vargas e Oliveira Salazar. Atrás deles foram posicionadas, respectivamente, as bandeiras do Brasil e de Portugal.

Se o Pavilhão brasileiro ficou sob a curadoria de agentes da “nação irmã” e buscou representar ares de desenvolvimento e modernidade, a seção colonial portuguesa, ainda sob o jugo dos colonizadores, trouxe diversos elementos que buscavam ressaltar uma distinção com a Europa. Imbuída dos elementos católicos que ressaltamos, as colônias foram retratadas como um projeto de “civilização” em construção e, nessa perspectiva, tanto nos periódicos quanto na exposição, o menor sinal de catolicismo era suscitado como evidência de um “aportuguesamento”. Por outro lado, no cerne das comemorações do Duplo Centenário, a questão colonial foi representada, mais que os outros espaços, como uma trilha de curiosidades. No âmbito colonial, devido à contemporaneidade com o projeto imperial, além da reprodução arquitetônica das cidades, das ruas, das casas, dos instrumentos de trabalho, pessoas também foram levadas para exposição como peças do espaço museal.

Os organizadores do evento tentaram transpor, de maneira cenográfica, o pensamento ideológico do regime para os locais em torno da Praça do Império, às margens do Rio Tejo. A

MEMÓRIA, COLONIALISMO E PROPAGANDA POLÍTICA NO SALAZARISMO:
AS COMEMORAÇÕES DO DUPLO CENTENÁRIO DE 1940

MOURA, C. A. S.
JUNIOR, E. A. S.
NETO, J. P. L.

grandiosidade dos prédios, dos monumentos, das exposições e de outros espaços daquele projeto museal estava interligada com os objetivos do Estado Novo em meio à Segunda Guerra Mundial. Oliveira Salazar buscou, ao longo dos anos de destruição na Europa, fortalecer o seu regime, seus laços com a Igreja Católica – principal alicerce institucional fora do aparato estatal –, fomentar o nacionalismo português e estender os domínios lusitanos para o interior de suas colônias, sobretudo no continente africano.

Considerações finais

No penúltimo dia da Exposição do Mundo Português, o periódico *Diário da Manhã*, sob a manchete “Portugal Glorioso”, buscou sintetizar o que foram as comemorações ocorridas entre junho e dezembro. Além disso, fez questão de explicitar as finalidades em torno dos eventos que se realizaram em 1940: “[...] despertar na consciência dos portugueses o orgulho indomável de ser português [...]” e “[...] demonstrar a capacidade de realização, actual, no campo material e espiritual [...]”^{XLVII}. A história que se tentou escrever, de maneira cenográfica, ao longo dos hectares de espaço urbano destinados ao projeto de comemoração do Duplo Centenário possuía uma perspectiva “historicista”.

O salazarismo narrou a história do passado português do alto da proa das naus que apareciam, no século XX, apenas como objeto metafórico de desejo: a proeminente nação que foram e que não mais poderiam ser. Diante das reformas realizadas pelos imperialismos europeus nos continentes africano e asiático, da pujança política e militar da Grã-Bretanha e da França, restava-lhe ressaltar sua suposta grandeza, ao somar os quilômetros quadrados de suas colônias e compará-las com as delimitações geográficas dos países vizinhos na Europa.^{XLVIII} O Estado Novo, diante dos nacionalismos pujantes do período Entre Guerras, sob a gestão ditatorial de Oliveira Salazar, também necessitava fomentar a identidade lusitana, o “ser português”. Fragilizado economicamente, restou ao salazarismo evocar um passado distante e com supostas conexões com o presente para tentar se firmar, ao menos discursivamente, enquanto nação europeia que, sob diversos percalços, ainda figurava no rol dos “grandes impérios”.

Com esse anseio, o Estado Novo realizou reformas educacionais, fomentou grupos nacionalistas, organizou núcleos corporativos para enfileirar a juventude e a classe trabalhadora para colaborar ideologicamente com o salazarismo. Nesse sentido, no âmbito do Secretariado de Propaganda Nacional, um dos projetos do regime foi “erguer a história de Portugal” para ser visitada em Lisboa. Para além da exposição de estátuas ou monumentos, o Estado Novo planejou as comemorações do Duplo Centenário como evento que marcaria o que considerava como apoteose do novo regime e uma suposta reconexão do Portugal do século XX com os “anos dourados” do período de expansões marítimas e domínios coloniais em vários continentes.

Por isso, construíram quarteirões em torno da Praça do Império com o objetivo de tornar públicos os aspectos relevantes que enxergavam no que consideravam ser “a gloriosa” história de Portugal. Puseram à mostra diversos prédios, construções arquitetônicas e estátuas que buscavam instruir os visitantes da exposição sobre o passado português e a pretensa necessidade de continuação desse legado. O período de fundação de Portugal foi abordado de maneira heroica assim como o momento de restauração, as “descobertas” foram representadas como obra de bravura e cristianização do mundo, o Brasil foi exposto como uma obra de orgulho português. As colônias ainda existentes no século XX, por outro lado, foram representadas

MEMÓRIA, COLONIALISMO E PROPAGANDA POLÍTICA NO SALAZARISMO:
AS COMEMORAÇÕES DO DUPLO CENTENÁRIO DE 1940

MOURA, C. A. S.
JUNIOR, E. A. S.
NETO, J. P. L.

como trabalhos inacabados sob a gestão cautelosa do salazarismo e de seus intelectuais dedicados. Diante dessa narrativa que ultrapassou os limites do Estado Novo e ainda se faz presente na sociedade portuguesa atual, é preciso lembrar que cada monumento de cultura erguido para a ratificação da identidade lusitana possuía, em seu verso, a violência, o sangue e a barbárie provocada pela colonização e pelo uso da fé católica como instrumento de universalização de uma perspectiva de mundo.

Notas

^I Professor Associado / Livre-docente da Universidade de Pernambuco (UPE). Docente da graduação e pós-graduação em História da UPE. Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq.

^{II} Doutorando em História na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Mestre em História na UFRPE. Graduado em História na Universidade de Pernambuco.

^{III} Doutorando em História na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Mestre em História na UFRPE. Graduado em História na Universidade de Pernambuco.

^{IV} Bourdieu, Pierre. **Sobre o Estado**: cursos no collége de France. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 209-210.

^V Chartier, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 17.

^{VI} Moura, Carlos André Silva de. **Histórias Cruzadas**: intelectuais no Brasil e em Portugal durante a Restauração Católica (1910 - 1942). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais / Universidade de Lisboa, 2018.

^{VII} Diferente de laicidade, a condição de um Estado sem uma religião oficial, a política laicista busca secularizar todos os espaços da sociedade, optando por perseguir instituições religiosas e seus agentes.

^{VIII} Moura, Maria Lúcia de Brito (Ed.). **A “Guerra Religiosa” na I República**. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2010. p. 43-54.; Silva Junior, Edmilson Antonio da. **“A alma cristã de Portugal dependerá, Deus sabe até quando, desta obra”**: a formação de uma cultura política católica na gênese do salazarismo (1910–1940). 186 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-graduação em História, Recife, 2022. p. 39.

^{IX} Bacharéis, jornalistas, escritores e/ou membros da hierarquia eclesiástica intimamente dedicados à prática política em prol da Igreja Católica e comprometidos com os projetos da Cúria romana.

^X Utilizamos o termo “relativo”, pois existem historiadores que problematizam a ideia de “milagre financeiro” e a suposta responsabilidade de Oliveira Salazar no *superávit* econômico.

^{XI} Silva Junior, 2023, p. 117.

^{XII} Salazar, António de Oliveira. **Discursos, 1928 – 1934**. Coimbra: Coimbra Editora. 1935. p. 80.

^{XIII} Silva Junior, 2023, p. 118.

^{XIV} Simpson, Duncan. **A Igreja Católica e o Estado Novo Salazarista**. Lisboa: Edições 70, 2014. p. 30.

^{XV} Rosas, Fernando. **Salazar e o poder**: a arte de saber durar. Lisboa: Tinta da China, 2015. p. 74-158.

^{XVI} Barros, Víctor. Estado Novo e as comemorações do Duplo Centenário nas Colónias. **Revista de História das Ideias**, Coimbra, 39 (2), p. 141-173, 2021. p. 145.

^{XVII} Moura, 2018.

^{XVIII} Cruz, Manuel Braga da. **O Estado Novo e a Igreja Católica**. Lisboa: Editorial Bizâncio, 1998. p. 17-18.

^{XIX} Silva Junior, 2023, p. 158-159.

^{XX} Salazar, António de Oliveira (Ed). **Discursos e notas políticas, 1928 a 1966, Obra completa**. Coimbra: Coimbra Editora, 2025. p. 242.

^{XXI} Barros, 2021, p. 145.

^{XXII} Barros, 2021, p. 147-148.

^{XXIII} Salazar, 2015, p. 362.

MEMÓRIA, COLONIALISMO E PROPAGANDA POLÍTICA NO SALAZARISMO:
AS COMEMORAÇÕES DO DUPLO CENTENÁRIO DE 1940

MOURA, C. A. S.
JUNIOR, E. A. S.
NETO, J. P. L.

-
- XXIV Salazar, 2015, p. 362-363.
- XXV Salazar, 2015, p. 444.
- XXVI **Mundo Gráfico**. Lisboa: Neogravura, 13 out. 1940, vol. 1, n. 1. p. 1-15. Disponível em: http://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/Periodicos/MundoGrafico/1940/N01/N01_item1/P1.html. Acesso em: 18 nov. 2025.
- XXVII Nora, Pierre. Entre memória e História. A problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, 10, p. 7-28, 1993. p. 9.
- XXVIII Catroga, Fernando. O culto dos mortos como uma poética da ausência. **ArtCultura**, Uberlândia, 12 (20), p. 163-182, 2010. p. 172-172.
- XXIX Pio XII. **Carta Encíclica Saeculo Exeunte Octavo**. A Santa Sé. 13 jun. 1940. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_13061940_saeculo-exeunteoctavo.html. Acesso em: 30 mai. 2025.
- XXX Pio XII, 1940.
- XXXI Pio XII, 1940.
- XXXII Pio XII, 1940.
- XXXIII **Diário da Manhã**. Lisboa: Companhia Nacional Editora, 1 dez. 1940. p. 58. Disponível em: https://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/RaridadesBibliograficas/DiariodaManha_Centenario/DiariodaManha_Centenario_item1/P76.html. Acesso em: 15 nov. 2022.
- XXXIV Diário da Manhã, 1 dez. 1940, p. IV.
- XXXV Barros, 2021, p. 161.
- XXXVI **Ilustração Portuguesa**, n. 979, 6 set, 1940. p. 6. Disponível em: https://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1940/SETEMBRO/N979/N979_item1/P6.html. Acesso em: 07 jun. 2025.
- XXXVII As portas da fundação. **O Século**: número comemorativo dos Centenários (1140 – 1640 – 1940) n. extraordinário. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia, jun 1940. p. 363. Disponível em: https://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/RaridadesBibliograficas/OSeculo_Centenario/OSeculo_Centenario_item1/P354.html. Acesso em: 04 jul. 2025.
- XXXVIII De acordo com a historiografia, o ano apontado como da Fundação de Portugal é 1143.
- XXXIX Nascimento, Rosana Andrade Dias do. **O “Brasil Colonial” e a Exposição do Mundo Português de 1940**. 116 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2008. p. 123.
- XL **Guia Oficial**. Mapa desdobrável de 22 centímetros da Exposição do Mundo Português, sem número. Lisboa, 1940. Disponível em: <https://purl.pt/28025>. Acesso em: 15 jun. 2023.
- XLI **Diário da Manhã**. Lisboa: Companhia Nacional Editora, 1 dez. 1940. p. V. Disponível em: https://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/RaridadesBibliograficas/DiariodaManha_Centenario/DiariodaManha_Centenario_item1/P76.html. Acesso em: 15 nov. 2025.
- XLII Nascimento, 2008, p. 91.
- XLIII Abreu, Regina. **A fabricação do imortal**: memória, história e estratégia de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. p. 171.
- XLIV Nascimento, 2008, p. 111-112.
- XLV Em 1940 António Ferro era o chefe do Secretariado de Propaganda Nacional.
- XLVI Nascimento, 2008, p. 153-154.
- XLVII Discurso do Chefe de Estado. **Diário da Manhã**. Lisboa: Companhia Nacional Editora, 1 dez. 1940. p. I. Disponível em: http://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/RaridadesBibliograficas/DiariodaManha_Centenario/DiariodaManha_Centenario_item1/P6.html. Acesso em: 15 nov. 2025.
- XLVIII Durante essa fase do Estado Novo, era comum a veiculação de uma suposta grandeza territorial de Portugal para além dos limites fronteiriços do país na Europa. Essa afirmação era construída a partir dos contornos das suas

MEMÓRIA, COLONIALISMO E PROPAGANDA POLÍTICA NO SALAZARISMO:
AS COMEMORAÇÕES DO DUPLO CENTENÁRIO DE 1940

MOURA, C. A. S.
JUNIOR, E. A. S.
NETO, J. P. L.

colônias no Continente Africano em formato de ilustração. No interior do desenho dessas fronteiras se colocava países da Europa e suas respectivas áreas em quilômetros quadrados na tentativa de demonstrar a grandeza territorial do Império Ultramarino Português.

Referências bibliográficas

ABREU, Regina. **A fabricação do imortal: memória, história e estratégia de consagração no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

BARROS, Víctor. Estado Novo e as comemorações do Duplo Centenário nas Colônias. **Revista de História das Ideias**, Coimbra, 39 (2), p. 141-173, 2021.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre o Estado: cursos no collége de France**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CATROGA, Fernando. O culto dos mortos como uma poética da ausência. **ArtCultura**, Uberlândia, 12 (20), p. 163-182, 2010.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CRUZ, Manuel Braga da. **O Estado Novo e a Igreja Católica**. Lisboa: Editorial Bizâncio, 1998.

MENEZES, Filipe Ribeiro de. **Salazar: biografia definitiva**. São Paulo: Leya, 2011.

MOURA, Carlos André Silva de. **Histórias Cruzadas: intelectuais no Brasil e em Portugal durante a Restauração Católica (1910 - 1942)**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais / Universidade de Lisboa, 2018.

MOURA, Maria Lúcia de Brito (Ed.). **A “Guerra Religiosa” na I República**. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2010.

NASCIMENTO, Rosana Andrade Dias do. **O “Brasil Colonial” e a Exposição do Mundo Português de 1940**. 116 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2008.

NORA, Pierre. Entre memória e História. A problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, 10, p. 7-28, 1993.

ROSAS, Fernando. **Salazar e o poder: a arte de saber durar**. Lisboa: Tinta da China, 2015.
SALAZAR, António de Oliveira (Ed). **Discursos e notas políticas, 1928 a 1966, Obra completa**. Coimbra: Coimbra Editora, 2025.

MEMÓRIA, COLONIALISMO E PROPAGANDA POLÍTICA NO SALAZARISMO:
AS COMEMORAÇÕES DO DUPLO CENTENÁRIO DE 1940

MOURA, C. A. S.
JUNIOR, E. A. S.
NETO, J. P. L.

SALAZAR, António de Oliveira. **Discursos, 1928 – 1934**. Coimbra: Coimbra Editora. 1935.

SILVA JUNIOR, Edmilson Antonio da. “**A alma cristã de Portugal dependerá, Deus sabe até quando, desta obra**”: a formação de uma cultura política católica na gênese do salazarismo (1910–1940). 186 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-graduação em História, Recife, 2022.

Simpson, Duncan. **A Igreja Católica e o Estado Novo Salazarista**. Lisboa: Edições 70, 2014.

Fontes

As portas da fundação. **O Século**: número comemorativo dos Centenários (1140 – 1640 – 1940) n. extraordinário. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia, jun 1940. p. 363. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/RaridadesBibliograficas/OSeculo_Centenario/OSeculo_Centenario_item1/P354.html. Acesso em: 04 jul. 2025.

Discurso do Chefe de Estado. **Diário da Manhã**. Lisboa: Companhia Nacional Editora, 1 dez. 1940. p. I. Disponível em: http://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/RaridadesBibliograficas/DiariodaManha_Centenario/DiariodaManha_Centenario_item1/P6.html. Acesso em: 15 nov. 2025.

Guia Oficial. Mapa desdobrável de 22 centímetros da Exposição do Mundo Português, sem número. Lisboa, 1940. Disponível em: <https://purl.pt/28025>. Acesso em: 15 jun. 2023.
Pio XII. **Carta Encíclica Saeculo Exeunte Octavo**. A Santa Sé. 13 jun. 1940. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_13061940_saeculo-exeunteoctavo.html. Acesso em: 30 mai. 2025.

Ilustração Portuguesa, n. 979, 6 set, 1940. p. 6. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1940/SETEMBRO/N979/N979_item1/P6.html. Acesso em: 07 jun. 2025.

Mundo Gráfico. Lisboa: Neogravura, 13 out. 1940, vol. 1, n. 1. p. 1-15. Disponível em: http://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/Periodicos/MundoGrafico/1940/N01/N01_item1/P1.html. Acesso em: 18 nov. 2025.

Diário da Manhã. Lisboa: Companhia Nacional Editora, 1 dez. 1940. p. 58. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/RaridadesBibliograficas/DiariodaManha_Centenario/DiariodaManha_Centenario_item1/P76.html. Acesso em: 15 nov. 2022.

Diário da Manhã. Lisboa: Companhia Nacional Editora, 1 dez. 1940. p. V. Disponível em: <https://hemerotecadigital.cm->

MEMÓRIA, COLONIALISMO E PROPAGANDA POLÍTICA NO SALAZARISMO:
AS COMEMORAÇÕES DO DUPLO CENTENÁRIO DE 1940

MOURA, C. A. S.
JUNIOR, E. A. S.
NETO, J. P. L.

lisboa.pt/RaridadesBibliograficas/DiariodaManha_Centenario/DiariodaManha_Centenario_ite
m1/P76.html. Acesso em: 15 nov. 2025.